

A RESISTÊNCIA DE MONSE NA SÉRIE “ON MY BLOCK” (2018): DO LUGAR DE FALA AO EMPODERAMENTO

*The resistance of Monse in the series “On my block” (2018):
from the place of speech to the empowerment*

Karine Rios de Oliveira Leite¹
Thiago André Rodrigues Leite²

Resumo: Neste artigo, interessamo-nos pela série “On my block” (2018), mais especificamente pela personagem protagonista Monse, adolescente afro-latina que, ao longo da série, evidencia um modo de existir resistente, contrapondo-se a histórias universais. Ao assistirmos à série sob a perspectiva teórica do feminismo negro, notamos que essa protagonista, embora não se declare “feminista (negra)” ou que defenda o “feminismo (negro)”, produz dizeres e atitudes passíveis de serem relacionados a essa perspectiva filosófica, ou melhor, produz sentidos que se alinham/filiam ao discurso do feminismo negro, de modo a constituir outras formas de (se) expressar e de ser. Assim, objetivamos analisar como a luta de Monse, na relação com seu grupo de amigos e com o lugar onde mora, pode evidenciar uma subjetividade que assume um lugar de fala, empoderando-se individual e coletivamente, de maneira a resistir discursivamente a padrões e comportamentos vinculados a narrativas universais.

Palavras-chave: Monse. Resistência. Lugar de Fala. Empoderamento. Feminismo Negro.

Abstract: In this article, we are interested in the series “On My Block” (2018), more specifically in the protagonist Monse, an Afro-Latina teenager who, throughout the series, reveals a resistant way of existing, opposing universal stories. Watching the series under the theoretical perspective of black feminism, we noticed that this protagonist, although she does not declare herself a “(black) feminist” or that she defends the “(black) feminism”, produces sayings and attitudes that can be related to this philosophical perspective, or rather, produces meanings that are affiliated/aligned with the discourse of black feminism, in order to constitute other ways of expressing (herself) and of being. Thus, we aim at analyzing how Monse's struggle, in relation to her group of friends and the place where she lives, can reveal a subjectivity that takes on a place of speech, empowering herself individually and collectively, so that to resist discursively to patterns and behaviors linked to universal narratives.

Key words: Monse. Resistance. Place of Speech. Empowerment. Black Feminism.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Jataí. E-mail: karine.leite@ifg.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9239-2783>.

² Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Jataí. E-mail: thiago.leite@ifg.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6273-1840>.

1 Introdução

Partindo do pensamento de que “as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (Adichie, 2019, p. 34), interessamo-nos, no cenário contemporâneo, pelas histórias na série “On my block” (2018) por, minimamente, haver nela um grupo de amigos protagonistas, de realidade periférica, que enfrenta situações conflituosas (subjetivas e sociais) em um bairro perigoso. Essa série, disponível na plataforma de *streaming* Netflix, apresenta quatro temporadas: a primeira, a segunda e a quarta possuem dez episódios; a terceira, oito. Em geral, o elenco é constituído por jovens negros e latinos, sendo o grupo de amigos os adolescentes latinos Cesar e Ruby, o adolescente afroamericano Jamal e a adolescente afrolatina Monse, que, ao longo da série, evidencia um modo de existir resistente, contrapondo-se a “histórias universais”³, razão pela qual essa garota se torna central neste trabalho.

Ao assistirmos à série toda com a lente teórica do feminismo negro, notamos que Monse, embora não se declare “feminista (negra)” ou que defenda o “feminismo (negro)”, produz dizeres e atitudes passíveis de serem relacionados a essa perspectiva filosófica, ou melhor, produz sentidos que se alinham/filiam ao discurso do feminismo negro, de modo a constituir outras formas de (se) expressar e de ser. Conforme Ribeiro (2020), o feminismo negro diz respeito ao rompimento com a divisão da sociedade desigual, sem perder de vista a produção intelectual e a (r)existência das mulheres negras. Afinal, “desde muito tempo as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra-hegemônicos” (Ribeiro, 2020, p. 18).

A garota Monse valoriza sua existência, banca seu estilo próprio em sua ancestralidade e desafia estruturas dominantes de opressão, o que nos permite pensar em um sujeito ativo. Assim, objetivamos analisar como a luta de Monse, na relação com seu grupo de amigos e com o lugar onde mora, pode evidenciar uma subjetividade que assume um lugar de fala, empoderando-se individual e coletivamente, de maneira a resistir discursivamente a padrões e comportamentos vinculados a narrativas universais. Para a realização deste trabalho,

³ Consideramos aqui, a partir de Adichie (2019) sobre “o perigo de uma história única”, que “histórias universais” são aquelas geradas em nichos privilegiados, por grupos dominantes, os quais produzem narrativas que circulam como “verdades universais”, e fazem circular sentidos específicos, silenciando tantos outros presentes em “histórias marginalizadas”.

assistimos à série com o áudio em inglês e com a legenda em português, a fim de apresentarmos a tradução dos dizeres de Monse do modo como foi feito pela legendagem da série. Para tanto, procuramos recortar dizeres e atitudes de Monse evidenciando resistência discursiva a sistemas de dominação e opressão, tendo como parte das condições sociais da garota o bairro onde mora.

2 O bairro de Monse

As histórias da série “On my block” (2018) ocorrem em um bairro fictício de Los Angeles chamado *Freeridge*, o qual é constituído, em sua maioria, por pessoas negras e pessoas latinas. Esse bairro é perigoso e violento, pois é perpassado por conflitos entre as gangues rivais Santos e Profetas. Os amigos Cesar, Ruby, Jamal e Monse, que são pobres e periféricos, lutam para (sobre)viver em uma conjuntura de certa vulnerabilidade e marginalização, lembrando que, conforme Ribeiro (2020, p. 60), “o lugar social ocupado por certos grupos restringe oportunidades”, razão pela qual, segundo Berth (2020, p. 75), “grupos sociais minoritários precisam do fortalecimento econômico”.

Monse (garota, negra e periférica) luta por transformações sociais de maneira resistente. Por exemplo, não aceita, pacificamente, imposições de Cuchillos, chefe da gangue Santos, quando é pressionada a trabalhar para ela; embora, ao receber, em sua casa, uma visita inesperada dessa líder de gangue, Monse, em decorrência de violência psicológica sofrida, aceita, junto a seu grupo, a execução do trabalho de encontrar um personagem chamado Lil Rick. Outro exemplo é quando Olivia, prima de Ruby, muda-se para o bairro *Freeridge*, e Monse se mostra preocupada com a proteção e a segurança da nova amiga, orientando-a sobre o funcionamento desse bairro.

Ademais, a garota Monse rompe com normas estéticas e de comportamento (im)postas pelas normatividades dos discursos sexista e machista, segundo os quais é naturalizado que mulheres precisam se vestir de um modo tal em determinadas ocasiões, o que nos remete ao que Hooks (2004, p. 26) afirma sobre, na sociedade patriarcal, a mulher aprender a buscar a aprovação, a validação e o gosto por parte do homem, de maneira que “ninguém anseia mais pelo amor do homem que uma garotinha ou um garotinho que legitimamente precisa e busca amor do pai”. Especialmente, a mulher aprende, desde muito cedo, em sociedades sob esse funcionamento, que precisa assumir determinados comportamentos para agradar o pai, inclusive o de suportar a dor. Ainda conforme Hooks

(2004, p. 26), “muitas de nós sentimos que poderíamos alcançar o amor do homem mostrando que estávamos dispostas a suportar a dor” para sermos a “garota do papai”, percepção que, futuramente, costuma estender-se à compreensão de ter de assumir determinada postura para agradar outros homens, padrões que Monse procura transgredir.

Nesse cenário, a garota, que tem o sonho de ser escritora, pretende ter uma vida melhor junto ao seu pai e aos seus amigos, inclusive procurando ajudar Cesar a continuar seus estudos e a abandonar a gangue da qual faz parte: Santos. Monse enfrenta diversos outros conflitos subjetivos e sociais: o amor (não) correspondido de Cesar, o (não) encontro com a mãe, a (não)⁴ permanência no grupo de amigos, entre outros. Em meio a esses embates, essa garota conquista, em muitos momentos, uma espécie de papel de liderança no grupo, o que não significa que esteja “tomando” o poder de ninguém, mas, sim, lutando individual e coletivamente, assumindo um lugar de fala.

3 O lugar de fala de Monse

Na primeira temporada, especificamente no terceiro episódio, a garota Monse procura decidir que roupa usará no baile da escola, porém, após um tempo, decide que usará seu moletom e jeans de sempre, afirmando que é azar de quem não gostar, ou seja, que não se importa como será vista/representada pelo modo como se comporta. Segundo Ribeiro (2020), opressões estruturais dificultam que certos grupos se reconheçam como oprimidos e/ou que tenham direito à fala e à humanidade, o que parece não se efetivar com Monse, visto que assume subjetivamente um lugar de fala. Vale lembrar que, de acordo com Ribeiro (2020, p. 64), “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir”. Nesse sentido, inclusive, destacamos que o modo de vestir é uma linguagem, é uma forma de expressar uma identidade, de (se) expressar. Assim, ainda conforme Ribeiro (2020, p. 64), “pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”.

Nessa perspectiva, ao bancar um modo de existir por meio de seus dizeres e atitudes, consideramos haver evidências de Monse conquistando um lugar de fala, o qual se contrapõe

⁴ Interessante destacarmos a quantidade de “nãos” que se presentificam na vida da garota, refletindo a privação de oportunidades à qual ela é submetida.

a normatividades⁵ (im)postas a certos modos de existir. Por exemplo, no sétimo episódio da primeira temporada, Monse e Cesar estão caminhando em uma rua quando ele pergunta à garota se a mulher que ela acredita ser a mãe dela já a respondeu no *Facebook*. Monse diz que ela aceitou o pedido de amizade nessa rede social; então, Cesar pergunta o que Monse já descobriu, mas esta responde que ainda não começou a pesquisa. Cesar sugere para fazerem isso de imediato, entretanto Monse diz que acha melhor não e que prefere fazer a pesquisa sozinha, o que desafia normatividades ligadas aos papéis de gênero em que a mulher “precisa” ser dependente do homem para certas ações e tomadas de decisões. Seu dizer e sua atitude são associáveis ao pensamento de que, “quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (Ribeiro, 2020, p. 42), visto que não é incomum outras pessoas falarem por elas.

O patriarcado estabelece, segundo Hooks (2004), papéis de gênero, e, na dinâmica desse sistema, cabe ao homem a função de estrategizar, o que não seria condizente à mulher, de modo que se passa a acreditar que é “natural” considerar o homem “o cabeça da casa”, a quem cabe, igualmente de modo “natural”, a função de pensar e negociar. Na situação descrita, é como se Monse precisasse da intervenção de um homem para que fosse alcançado o resultado esperado, padrão com o qual ela rompe ao declarar, ou melhor, reivindicar autossuficiência para as tomadas de ações e decisões, isto é, ao lutar por seu lugar de fala.

Partimos da definição de “lugar de fala” que o concebe associado a grupos sociais oprimidos, os quais são grupos não hegemônicos e de oportunidades restritas, ou seja, são grupos marginalizados. A nosso ver, Monse e seu grupo de amigos integram esses grupos desprivilegiados, já que, por exemplo, lutam para conseguir dinheiro para livrar Cesar de certos problemas com gangues. Além disso, Monse, ao ter contato com meninas ricas do bairro em que sua mãe mora, provoca nelas muita surpresa, uma vez que as experiências dessa protagonista são muito distintas das experiências dessas meninas. Segundo Ribeiro (2020, p. 65), “mulheres, sobretudo, negras, partem de pontos diferentes e consequentemente desiguais”, logo, ainda de acordo com Ribeiro (2020, p. 36-37), “seres humanos não deveriam ser pensados da mesma forma, pois isso seria destituir-lhes de humanidade”.

⁵ No bojo da percepção acerca de “histórias universais”, concebemos que estão imbricadas “normatividades”, as quais consideramos ser imposições que se estabelecem em discursos dominantes, produzidos em/por sistemas de opressão que estruturam a sociedade, ou seja, normatividades (im)postas pelo discurso patriarcal, machista, racista, etc.

Nessa perspectiva, sujeitos subalternizados, ao assumirem subjetivamente um lugar de fala, rompem com silêncios e hierarquias, indicando outros modos de existir. Berth (2020, p. 55), pautando-se no pensamento de Ribeiro (2020) sobre a função do lugar de fala não se restringir à luta pelo direito à existência, afirma que “o empoderamento é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada pelo lugar de fala se desenvolva de maneira plena e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos”. Partindo do lugar de fala, o empoderamento funciona, na perspectiva do feminismo negro, como uma ferramenta de combate às exclusões.

4 O empoderamento de Monse

A pensadora Berth (2020) afirma que a palavra “empoderamento” significa, minimamente, “dar poder”. Afirma também que, sob o viés do feminismo negro, o empoderamento é um instrumento de emancipação tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista político, visando à valorização de características da ancestralidade (culturais, estéticas, entre outras) e à criação de ferramentas de atuação a favor da coletividade oprimida. Em outras palavras, a partir do lugar social e político no mundo, como o sujeito de determinados grupos sociais posiciona-se discursivamente frente às estruturas de dominação. Assim, a autora parte da noção de “empoderamento” como instrumento de emancipação que contesta práticas e discursos sociais e políticos, com vistas à erradicação dessas estruturas. Em seus dizeres, trata-se do “enfrentamento da opressão para a eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade” (Berth, 2020, p. 22).

Conforme Berth (2020), a visão superficial do conceito de “empoderamento” permite a compreensão de que o “empoderamento feminino”, uma espécie de tautologia, seria superar individualmente opressões, sem o fazer estruturalmente. Entretanto, empoderar é romper individualmente com certas barreiras, porém sem oprimir outros grupos, pensando o empoderamento “como conjunto de estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e como as articulações políticas de dominação que essas condições representam” (Berth, 2020, p. 51). Compreendemos que o empoderamento, que não diz respeito a “liberdades individuais” em si, desafia sistemas de dominação, não aceitando a lógica de grupos que oprimem, sendo, pois, revolucionário ao contestar o *status quo*, o estado atual das coisas.

Segundo Berth (2020, p. 54), “o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento”. Na perspectiva da autora, ambas as dimensões são indissociáveis, de sorte que, a nosso ver, o coletivo faz-se de e com empoderamentos individuais. Logo, o empoderamento, conforme Berth (2020, p. 25), é “uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista”. Consequentemente, não diz respeito a uma espécie de inversão nos polos de opressão, mas, sim, ao enfrentamento das estruturas de opressão, de modo a valorizar as diferentes existências e em prol de uma sociedade justa. É uma “libertação individual a serviço da emancipação coletiva” (Berth, 2020, p. 25). Essa libertação diz respeito, por exemplo, à criação de mecanismos interiores de amor-próprio, de valorização de si, ou seja, a um sentimento de autoestima, bem como a uma tomada de consciência da realidade.

De acordo com Berth (2020, p. 114), “sem o fortalecimento da autoestima, não temos força para iniciar sequer um processo lúcido de empoderamento”. Vale lembrar que a “autoestima”, na teorização da autora, está relacionada ao enfrentamento de sistemas de opressão, indo além de uma perspectiva puramente estética. A autoestima de Monse, pensando no modo como ama e lida com seu cabelo, por exemplo, é uma forma de combate aos sistemas machista, sexista e racista, pois, conforme Berth (2020, p. 117), “os cabelos são apenas um primeiro elemento, e de grande importância, que responde sozinho, sobretudo nas mulheres negras, pelo orgulho necessário para dar início aos processos de empoderamento”, que pode ser vivenciado, representado e identificado de diversas maneiras, a fim de se contrapor a narrativas universais. No caso de Monse, observamos seu empoderamento ligado ao enfrentamento de discriminações diárias e de estereótipos, especialmente sendo ela uma mulher negra inserida em um bairro marginalizado. Logo, a partir de uma perspectiva interseccional, a qual não hierarquiza opressões, consideramos que Monse apresenta uma forma de vida resistente.

5 A resistência de Monse

Partimos do pressuposto de que a noção de “sujeito”, com base na teoria do feminismo negro, está em constante (des)construção, podendo resistir (ou não) a práticas discursivas

dominantes. No caso de Monse, embora, em alguns momentos, por razões diversas, ela pareça não resistir a essas práticas, o que predomina, a nosso ver, é a resistência da garota. Assim,

como são as contradições que conduzem as práxis humanas, inclusive a discursiva, há sempre um deslocamento, uma falha, um lapso, provocados pelas contradições ideológicas e do inconsciente no discurso, que aponta para a resistência possível. Do ponto de vista das relações sociais em geral, vive-se um momento de grande ebulição, porquanto as crises cíclicas do capital se agudizam, o que permite vislumbrar resistências que podem levar a transformações mais gerais que provocam práxis discursivas de resistência que têm crescido nos mais diferentes setores. (Magalhães, 2013, p. 216).

A partir de dizeres e atitudes da garota Monse promovendo fendas em narrativas universais ligadas, minimamente, ao “capital”, construímos que a resistência dela está no fato de lutar contra uma sociedade capitalista, racista e sexista, tomando (certa) consciência de seu lugar de oprimida, sem se mostrar, em muitos momentos, submissa/dominada. Por exemplo, Monse, em uma determinada situação, quer ter notícias de Cesar e, por isso, pergunta aos amigos Jamal e Ruby sobre ele. Como não tem a devida resposta, pois esses amigos ficam em silêncio e não querem dizer o motivo da ausência de Cesar, Monse resiste, firmemente, à possível exclusão de assunto de seu interesse, não admitindo que eles digam a ela o que deve ou não saber/fazer. A ação dos amigos pode corroborar com a prática sexista de não permitir a participação das mulheres em certos assuntos, os quais, supostamente, seriam de interesse apenas de homens.

Na série “On my block”, a garota Monse não é representada de modo usual se compararmos a representações de mulheres latino-americanas em outras séries, já que é uma protagonista negra que assume bravamente seu lugar de fala e seu empoderamento, proferindo dizeres e tendo comportamentos em defesa de si e de seu grupo no enfrentamento a sistemas dominantes. Vale lembrar que, conforme Hooks (2004), as mulheres, sobretudo as negras, costumam aprender, em uma sociedade patriarcalista e racista, que devem aceitar comportamentos indevidos dos homens, como a traição; devem ser resignadas, “boazinhas”, perdoarem, a fim de manterem as relações naturalizadas nesse sistema. E esse também não é o modo como vive Monse.

Nessa perspectiva, no décimo episódio da segunda temporada, depois que Monse descobre que Cesar, seu namorado na ocasião, havia tido um encontro com outra garota, ela dá uma espécie de ultimato para Ruby e Jamal escolherem entre um dos dois amigos. Quando Cesar descobre isso, tenta conversar com Monse na escola e afirma que os garotos não têm

culpa do que ele fez, acrescentando que foi o maior arrependimento de sua vida. Pergunta à Monse o que pode ser feito para conseguir seu perdão, e ela diz: *"You can suck a butt"* ("Vá lambar um traseiro"), evidenciando resistência a práticas naturalizadas de que o homem pode fazer tudo a seu bel-prazer sem que haja consequências pelo simples fato de ser "homem". Nesse sentido, "a tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando poder" (Ribeiro, 2020, p. 79).

Ainda no episódio em questão, depois do ocorrido descrito acima, Cesar vai, à noite, até a janela da casa de Monse para conversar com ela. Afirma que sempre sentia falta dela quando ele estava dormindo na rua e que ela sempre esteve em seu coração. Monse se levanta, vai até a janela e fica de frente para Cesar, que fala que nada vai mudar o que sente por ela. Monse responde: *"Nothing. Except a two-bit ho"* ("Nada. Exceto uma prostituta barata"), fecha a cortina e vai embora. O dizer e a atitude de Monse podem ser deslegitimados por narrativas universais, posto que "falar de racismo, de opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, 'mimimi' ou outras formas de deslegitimação" (Ribeiro, 2020, p. 79). Afinal, Monse está desafiando normatividades (im)postas às mulheres (negras).

No nono episódio da segunda temporada, depois que Cesar está desaparecido há cerca de dois dias, Ruby e Jamal conversam com Monse sobre a possibilidade de ele estar morto, já que foi pego no território da gangue rival: Profetas. Monse tenta pensar de forma positiva e diz que ele está apenas se escondendo em algum lugar, mas os dois continuam falando que ele está morto. Logo em seguida, Monse está em seu quarto jogando vários livros no chão quando seu pai chega à porta do quarto e pergunta se ela está bem. Ela responde apenas que há muitos livros e completa: *"Ruby and Jamal are assholes"* ("Ruby e Jamal são idiotas"). Entretanto, seu pai diz a ela que Cesar é esperto e que, por isso, deve estar bem, porém, em sua visão, a fala do pai não a ajudou, o que evidencia autonomia e potência pensamentais de Monse e, conseqüentemente, resistência a maneiras enformadas/patriarcais de ser sujeito. Isso porque "os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros lugares e geografias" (Ribeiro, 2020, p. 75).

6 Considerações finais

Certos dizeres e certos comportamentos da garota Monse configuram-se como uma forma outra de (r)existência (existência e resistência), visto que desafiam sistemas de opressão (capitalismo, racismo, patriarcalismo, sexismo, machismo), ensejando lugar de fala e empoderamento. Quando nos referimos ao par “existência” e “resistência”, estamos pensando na possibilidade de Monse, ao resistir, mostrar que existe, ou, então, ao existir, mostrar que resiste. Essa garota vivencia uma conjuntura de “patriarcado imperialista, supremacista branco, capitalista”, “sistemas políticos interligados que estão na base da política de nossa nação” (Hooks, 2004, p. 38), mas desafia esses sistemas por meio de dizeres e atitudes, o que a coloca em uma espécie de lugar de “feminista negra”, ainda que sem saber ou ter consciência de que suas lutas evidenciam caminhos subjetivos outros para seu modo de (r)existir. Assim,

mesmo diante dos limites impostos, vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica, o que muitas vezes, desonestamente, faz com que essas vozes sejam acusadas de agressivas por lutarem contra a violência do silêncio imposto. O grupo que sempre teve o poder, numa inversão lógica e falsa simetria causada pelo medo de não ser único, incomoda-se com os levantes de vozes. Entretanto, mesmo com essas rachaduras, torna-se essencial o prosseguimento do debate estrutural, uma vez que uma coisa não anula a outra, definitivamente. (Ribeiro, 2020, p. 86).

A garota Monse, por meio de muitos dizeres e de muitas atitudes, os quais evidenciam o fortalecimento de sua autoestima, é uma voz dissonante que produz fendas na narrativa hegemônica, (re)agindo com firmeza e determinação quando percebe que é colocada na perspectiva de perpetuação de estereótipos e papéis de gênero, o que indicia sua resistência à sociedade patriarcal, que naturaliza corpos, ditando o que é ser mulher, o que a mulher pode ou não fazer/pensar. Essa garota tende a não se mostrar indefesa, pacífica ou passiva, conforme se determina nesse tipo de sistema político-social; na verdade, mostra-se decidida a lutar veementemente pela melhora de sua vida e de seu grupo de amigos, o que parece fazê-la produzir dizeres e atitudes que podem ser lidos/vistos como agressivos e violentos, mas, a nosso ver, configuram-se como a resistência de Monse na série “On my block” (2018).

Enfim, a série, ao apresentar a público a personagem Monse, esta com sua busca por lugar de fala e empoderamento, apresenta simultaneamente a possibilidade de um modo de existir capaz, com dizeres e comportamentos, de resistir e até mesmo enfrentar sistemas de opressão. Dessa forma, indicia que, assim como na realidade de *Freeridge*, as mulheres são

capazes de construir caminhos, abrir passagens para espaços mais justos e equânimes para si e para toda uma coletividade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

HOOKS, bell. Understanding patriarchy. In: HOOKS, Bell. *The will to change: men, masculinity and love*. New York: Atria Books, 2004. Cap. 2.

MAGALHÃES, Belmira. Sujeito no e do discurso: pensando a resistência. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

NETFLIX. *Media Center*. São Paulo. Disponível em: https://media.netflix.com/pt_br/. Acesso em: 10 ago. 2025.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

Recebido em:12/11/2025.
Aprovado em:25/05/2026.
Publicado em: 24/07/2026